Dia 18 — Santa Sinforosa e seus Sete Filhos, Mártires

Santa Sinforosa, cujo nome é tão célebre na Igreja, foi mulher, cunhada e mãe de mártires, e ela mesma foi uma das mais ilustres mártires que tornaram glorioso o segundo século.

Nasceu em Roma de uma família muito mais distinta por sua constante adesão à religião cristã que por sua antiga nobreza e pelo elevado lugar que haviam feito na cidade seus ilustríssimos avós. Nada se sabe dos primeiros anos de sua vida; só é certo que foi educada nos princípios da religião e do modo correspondente às donzelas de sua qualidade. Por sua virtude e por seu mérito foi pretendida por todos os senhores cristãos da Itália, entre os quais foi preferido Getulo, cujo partido se considerou o mais vantajoso.

Possuía Getulo, por outro nome Zótico, ricos e dilatados bens no território de Tivoli, chamado então Terra da Sabina e hoje a Campânia de Roma. Era um cavalheiro muito piedoso, de grande zelo pela religião cristã, e precisamente pretendeu a Sinforosa por mulher por estar bem informado de sua virtude e das demais prendas que a acompanhavam. Assim ele como outro irmão seu, chamado Amâncio, eram tribunos militares, isto é, mestres de campo no exército do imperador Adriano, príncipe supersticioso sobre todos os príncipes pagãos e que por isso mesmo levantou contra a Igreja uma das perseguições mais cruéis, cujo furor obrigou Amâncio a ocultar-se e Getulo a abandonar seus bens e sua família, que se havia retirado a Tivoli, ficando ele nas cercanias de Roma, onde instruía e sustentava a muitos cristãos. Tardou o céu pouco tempo em premiar seu zelo e sua caridade. Deu-se ordem a Cereal, vigário de Roma, para que o prendesse; passou a executar sua comissão; mas logo que ouviu falar da religião a Getulo e a Amâncio, converteu-se a ela. Isto fez em Roma muito ruído, e despachou-se a Licínio, oficial do imperador, para que o prendesse a ele, aos dois irmãos e a outro chamado Primitivo. Padeceram todos diferentes tormentos; foram cruelmente açoitados e, depois de vinte e sete dias de prisão em Tivoli, tiraram-nos do cárcere para cortar-lhes a cabeça; o que se executou a cinco léguas de Roma, nas margens do Tibre.

Durante o tempo da perseguição, mantinha-se em Tivoli Santa Sinforosa, cuidando da educação de seus sete filhos; mas nem por isso deixava de assistir aos santos mártires quanto podia e, logo que soube de seu glorioso martírio, teve valor para ir ela mesma em pessoa retirar o corpo de seu marido e de seus dois companheiros, enterrando-os num areal pertencente a uma de suas possessões. Depois desta heroica ação, voltou a retirar-se a Tivoli, onde unicamente se ocupava em criar seus ternos filhos, imprimindo em seus brandos corações os afetos mais fervorosos da religião; e, como o vento da perseguição cobrava cada dia novas forças, viu-se obrigada a esconder-se por espaço de sete meses numa cisterna seca, acompanhada de suas sete queridas prendas, valendo-se destas mesmas incomodidades e trabalhos para instruí-los e para adestrá-los

nos combates que esperava que teriam que sustentar algum dia pela fé, inspirando-lhes uma generosa ambição pela palma do martírio, cujo valor e cujo preço continuamente lhes ponderava.

«Filhos meus — dizia-lhes —, olhai que lograis a ventura de ter um pai mártir e um tio mártir; gozando estão de uma felicidade que não terá fim, por uns tormentos que se passaram em poucas horas; rogemos continuamente ao Senhor que se digne conceder-nos a mesma sorte.» Voltava-se depois ao menor de todos e perguntava-lhe: «Dize-me, filho meu, e que farias tu se te ameaçassem que te haviam de despedaçar a açoites, caso não quisesses oferecer incenso aos ídolos?» «Que faria? — respondeu o menino com admirável intrepidez e resolução —. Que faria? Deixar-me fazer mil pedaços antes que oferecer incenso aos demônios.» «Mas, filhos, não vos espantaríeis, não perderíeis o ânimo se víssemos que os verdugos vos vinham degolar, se vos pusessem diante as fogueiras acesas, as caldeiras de pez fervendo, os eculeos, as catastas e outros tantos instrumentos da crueldade? Ai, pobres filhos meus — acrescentava chorando —, e como temo que vos haveis de render à violência dos tormentos!» «Não o temais, amada mãe, não o temais — respondeu Crescêncio, o maior de todos —; cheio daquela humilde confiança em Jesus Cristo que vós nos inspirastes, saio por fiador de mim e de meus irmãos de que nenhum tormento será capaz de fazer-nos vacilar, nenhum nos acovardará.» Tardou pouco em oferecer-se ocasião de cumprir esta palavra.

Tendo mandado o imperador Adriano edificar um palácio à distância de algumas milhas de Tivoli, não longe da casa de Sinforosa, quis pôr o novo edifício sob a proteção de algum de seus deuses, como o praticavam os gentios que se prezavam de devotos. Antes da cerimônia, seguindo os impulsos de sua ordinária superstição, resolveu fazer um sacrifício a suas mentidas divindades para saber se seria de seu agrado a dedicação que meditava. Os demônios que habitavam nos ídolos a quem dirigiu a consulta responderam-lhe que estavam continuamente inquietos e cruelmente atormentados pelas orações que a viúva Sinforosa e seus sete filhos ofereciam todos os dias a seu Deus, em prejuízo do culto e da honra que só a eles se devia; portanto, se desejava que fosse ditosa sua habitação do novo palácio, era indispensável que obrigasse Sinforosa e seus filhos a que lhes oferecessem sacrifícios e renunciassem sua religião.

Bastou isto para que aquele supersticioso príncipe mandasse logo prender Sinforosa e seus filhos. Apenas os viu em sua presença, fez tudo o que pôde para persuadi-los a que sacrificassem aos ídolos; e, dirigindo a palavra a Sinforosa, disse-lhe com agrado e doçura: «Não ignoras que todo o delito de Getulo, teu marido, consistiu em não querer renunciar às superstições dos cristãos; de resto, eu o estimava, eu o amava e estava resolvido a elevá-lo às maiores dignidades do império, se houvesse querido render-se a minha vontade: sê tu mais prudente que ele e sirva-te seu desacerto de lição e de escarmento; eu quero fazer tua fortuna e a de teus filhos; mas quero que sem dilação sacrifiques aos deuses.»

«Senhor — respondeu Sinforosa —, a fortuna de meus filhos e a minha já está feita, contanto que logremos a ventura de ser todos oferecidos em sacrifício ao verdadeiro Deus.»

«Não sereis senão sacrificados a meus deuses», respondeu o imperador. «Senhor — replicou intrepidamente Sinforosa —, esses vossos mentidos e mentirosos deuses são eles mesmos desditadas vítimas sacrificadas à justa cólera do único Deus verdadeiro; pelo que nunca me

receberão nem me poderão receber em sacrifício. Se me condenardes à fogueira ou ao cutelo por amor de Jesus Cristo, a fogueira que me consuma ou o cutelo que me degole mais que a mim atormentarão a esses que vós chamais vossos deuses. À vista temos, tão recente, o exemplo de meu marido Getulo e de Amâncio, meu cunhado, que com religiosa generosidade souberam preferir uma gloriosa morte à ignomínia vergonhosa de sacrificar aos demônios: meus filhos e eu esperamos na graça de nosso doce Salvador que não degeneraremos nem do valor nem da nobreza do pai; e por vossa mesma experiência aprendereis que a magnanimidade cristã faz lugar em todas as idades e em todos os sexos quando se trata de conservar a religião.»

Ofendido o imperador de tão valorosa resposta, pôs fim à conversação, dizendo-lhe que escolhesse logo uma de duas coisas: ou sacrificar ou expirar nos suplícios. «Não penseis, senhor — respondeu a santa —, nem espantar-me nem embaraçar-me sobre o partido que hei de eleger; já o tenho tomado; disse, e o volto a repetir, que nada desejo tanto como dar a vida por aquele que primeiro sacrificou a sua por mim.» E, voltando-se a seus filhos, disse-lhes com resolução e com desembaraço: «Vamos, filhos meus, a morrer por Jesus Cristo.» Fizeram tal impressão em seus corações estas palavras que lhes saiu ao semblante o espírito, o valor e a alegria; só Adriano bramava de coragem; mandou que Sinforosa fosse conduzida ao templo de Hércules e que, depois de a ter esbofeteado como a uma vil escrava, a pendurassem pelos cabelos; mas, informado de que tudo isto não produzia outro efeito que o de fazê-la mais animosa, ordenou que com uma grande pedra ao pescoço fosse arrojada no rio Teverone, que passa por Tivoli, onde consumou seu glorioso martírio. Tinha um irmão, chamado Eugênio, que era o primeiro senador de Tivoli, o qual cuidou de que se tirasse do rio o santo corpo e com grande segredo o fez enterrar num arrabalde da cidade.

Já não havia que temer da constância na fé dos filhos, tendo no céu tão poderosa protetora. No dia imediato mandou o imperador que os trouxessem a sua presença, e eles se apresentaram com tanta confiança e com tanto valor que o príncipe ficou assombrado. Eram seus nomes Crescêncio, Juliano, Nemésio, Primitivo, Justino, Estacteu e Eugênio. Teve por certo o imperador que, sendo tão jovens e achando-se órfãos, os venceriam suas promessas ou se renderiam a suas ameaças. A princípio falou-lhes com muito carinho, lisonjeando-os com lisonjeiras esperanças. «Já, filhos meus — disse-lhes —, vos achais sem pai e sem mãe; mas não vos desconsoleis, eu farei convosco o ofício de ambos. Ide, oferecei incenso aos deuses imortais e voltai seguros de que sereis premiados com magnificência; mas guardai-vos bem de mostrar-vos indóceis a minhas ordens, porque pagareis com a vida qualquer resistência.» «Príncipe — respondeu Crescêncio —, isso é justamente o que todos desejamos: nem vossas promessas nos fizeram impressão, nem vossas ameaças nos intimidaram; não creiais, senhor, que seremos menos cristãos nem menos generosos que nossos pais.» Fez quanto pôde o imperador para desviá-los de sua resolução; mas, experimentando inúteis todos os artifícios, mandou que no instante se dispusessem sete potros ao redor do templo de Hércules e que fossem estendidos neles os sete mártires, até que, à força de apertá-los e de atormentá-los, se lhes deslocassem todos os membros. Executou-se a ordem do tirano com bárbara crueldade; apertavam-lhes os cordéis e esticavam-lhes os membros com polés, sendo extrema sua dor; mas nenhum daqueles jovens cristãos desmentiu seu invencível valor; a alegria de seus semblantes dava testemunho de seu triunfo, e todos bendiziam a Deus em meio dos tormentos. Envergonhado o tirano de ver-se vencido por uns meninos, mandou que no ponto lhes tirassem a vida. A Crescêncio meteram-lhe um punhal pela garganta, a Juliano pelo estômago, a

Nemésio pelo coração, a Primitivo pelo ventre, a Justino pelas costas, a Estacteu pelo flanco; e Eugênio foi aberto em canal desde os pés até a cabeça; embora Beda diga que a Justino fizeram tantos pedaços quantas eram as juntas de seu corpo e que o de Estacteu, depois de estendido em terra, foi cosido a punhaladas. Assim recebeu a coroa do martírio aquela inocente tropa no dia 18 de julho, pelo princípio do segundo século.

Tendo ido ao templo de Hércules o imperador no dia seguinte, mandou tirar dali os corpos dos sete irmãos e que os enterrassem numa grande fossa, que os gentios chamaram depois os sete Biotânatos, que em grego quer dizer desprezadores da morte.

Com a morte de Santa Sinforosa e de seus sete filhos pareceu ter-se aplacado por algum tempo a cólera do imperador, que por espaço de ano e meio deixou bastantemente em paz os cristãos; de cuja ocasião se aproveitaram os fiéis para honrar as relíquias dos santos mártires, colocando-as em decentes sepulturas, que abriram e levantaram no caminho de Tivoli, dando àquele sítio o nome dos sete Irmãos. Também se ergueu uma magnífica igreja dedicada a Santa Sinforosa, que subsistiu por muito tempo; mas depois se trasladou a Roma uma parte destas relíquias e se colocaram na igreja de São Miguel, com as de Getulo ou Zótico, seu pai. Ainda que o martírio de Santa Sinforosa sucedeu um dia antes que o de seus sete filhos, a Igreja os celebrou todos num mesmo dia desde os primeiros séculos.

Santa Marina, Virgem e Mártir

Santa Marina foi irmã de Santa Librada. Na vida desta se diz quem foram seus pais, como se chamavam e que nossas santas tomaram a resolução de separar-se deles para não serem vítimas de sua crueldade e impiedade, porque se negavam a sacrificar aos ídolos. Saíram, pois, da casa dos autores de seus dias, que queriam matá-las. Foi-se cada uma por seu lado. Nossa Marina retirou-se ao campo de Limia, perto da cidade de Orense, chamada Anfilóquia na antiguidade, onde se dedicou ao santo exercício da oração e a outras obras agradáveis a nosso Senhor Jesus Cristo.

Viu-a o presidente pelo império romano, chamado Olíbrio, inimigo dos cristãos e, prendado de sua rara formosura, quis render não só sua fé, mas também sua pureza; mas, implorando a santa virgem o auxílio do Senhor, a fim de não perder sua alma com os ímpios, venceu os mais fortes ataques do tirano. Perguntou-lhe este de que linhagem era e se era livre ou escrava. E respondeu-lhe Marina, sem turbar-se, que era livre por condição, mas escrava de Jesus Cristo. Insistiu Olíbrio em que apostatasse da religião que professava e que rendesse veneração aos deuses romanos, valendo-se para isso tanto de vantajosas promessas como de terríveis ameaças; mas, desprezando a generosa virgem ambos os meios, enfurecido o tirano, mandou que com garfos de ferro rasgassem suas delicadas carnes até que aparecessem seus ossos. Horrorizou aquele lastimoso espetáculo a todos os circunstantes, até ao mesmo presidente, o qual, aparentando compaixão, disse-lhe: «Consulta, menina, tua juventude, dá assentimento ao que te ordeno, para que não percas tua formosura na flor de teus anos.» «Ó mau conselheiro! Ó insaciável fera! — respondeu a santa —. Sabe que teus tormentos me servem de consolo e que teu poder só alcança o material de

meu corpo, mas minha alma a guarda meu Senhor Jesus Cristo, que a redimiu com seu preciosíssimo sangue.» «Já não perdoarei, já não terei comiseração — disse então o tirano — daquela que blasfema de nossos deuses e despreza os tormentos.» Ordenou, pois, enquanto discorria outros arbítrios, pôr a santa num lôbrego calabouço, cuja escuridão alumiou logo o Senhor com um resplendor admirável para consolo de sua serva, a qual nele afugentou com o sinal da cruz o demônio, que a acometeu em figura de um terrível dragão.

Conduzida no seguinte dia ao tribunal do tirano, formou este novo empenho em render sua constância; mas, achando-a inflexível a todas as suas tentativas, ordenou que aplicassem os verdugos tochas acesas a seus flancos; e, não satisfeita sua sanha com esta desumanidade, dispôs que, atada de pés e mãos, a arrojassem às águas. Livrou o Senhor sua serva de todas estas pragas e, admirados muitos gentios de ver que uma inocente e terna menina podia resistir a tormentos daquela classe, clamaram que era verdadeiramente grande o Deus dos cristãos, e converteram-se muitos à fé que Marina pregava.

Cheio Olíbrio de confusão, vendo que a santa virgem zombava de todos os seus esforços, mandou degolá-la por último recurso, logrando por este meio nossa santa a desejada coroa do martírio em 18 de julho, sem saber-se pontualmente o ano.

O venerável corpo da santa virgem, segundo a tradição, conserva-se num templo dedicado a seu nome, no território de Orense, onde se acham vários monumentos justificativos de seu martírio, como são o forno de fogo onde se diz que a arrojaram e a fonte em que foi degolada, cujas águas, segundo referem os naturais, têm feito repetidíssimos prodígios de admiráveis curas.

Alguns escritores equivocam nossa santa com Santa Margarida, mártir de Antioquia: talvez a uniformidade de Antioquia com Anfilóquia, como se chamou na antiguidade Orense, pôde dar motivo ao equívoco.

Martirológio Romano

Em Tivoli, Santa Sinforosa, esposa de São Getulo, mártir, com seus sete filhos Crescêncio, Juliano, Nemésio, Primitivo, Justino, Estacteu e Eugênio. No tempo do imperador Adriano, tendo sido sua santa mãe longo tempo esbofeteada por causa de sua constância incontrastável e logo pendurada pelos cabelos, foi depois precipitada num rio com uma pedra ao pescoço. Seus filhos foram deslocados à força de cabrestante sobre uns troncos, consumando cada um o martírio com diferentes espécies de suplícios. Seus corpos, levados com o tempo a Roma e esquecidos, foram logo achados na diaconia de Santo Ângelo da Pescaria no pontificado de Pio IV.

Em Cartago, Santa Gondena, virgem, que por ordem do procônsul Rufino foi, por ter confessado Jesus Cristo, estendida quatro vezes no potro em diferentes tempos e horrivelmente dilacerada com unhas de ferro; e depois de ter aguentado longo tempo no cárcere mil incomodidades, foi por último apunhalada.

Em Dorostoro, na Mísia, Santo Emiliano, mártir, que, no tempo de Juliano Apóstata e sob o presidente Capitolino, recebeu a palma do martírio no forno aceso em que o lançaram.

Em Utrecht, São Frederico, bispo e mártir.

Na Galícia, na Espanha, Santa Marina, virgem e mártir. Em Milão, São Materno, bispo, que, tendo sido encarcerado e muitas vezes esbofeteado pela fé de Jesus Cristo e em defesa da igreja que lhe estava confiada, adormeceu por último no Senhor, no tempo do imperador Maximiano, confessando reiteradamente a fé.

Em Bréscia, a festa de Santo Filastro, bispo daquela cidade, que combateu muito tempo de palavra e por escrito contra os hereges, e principalmente contra os arianos, de quem teve muito que padecer; e por último morreu em paz como confessor, ilustre por seus milagres.

Em Metz, Santo Arnulfo, bispo, que, célebre em piedade e milagres, morreu santamente no deserto onde se havia retirado.

Em Segni, São Bruno, bispo e confessor.

Em Fortimpópoli, na Emília, São Rogério, bispo daquela cidade.

No país de Yvelines, entre Paris e Chartres, Santo Arnulfo, pregador evangélico, despedaçado pelos maus numa selva daquele termo e enterrado no mesmo lugar por sua mulher Escariberga.

No monte de Nítria, no Egito, São Pambão, célebre solitário.

Neste mesmo dia, o falecimento de São Flaviano, segundo deste nome, bispo de Antioquia.

No mesmo lugar, o trânsito de Santo Elias, bispo de Jerusalém.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Symphorosæ, et filiorum ejus natalitia colere; da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos concedeis a graça de que celebremos na terra o nascimento ao céu de Santa Sinforosa e de seus filhos, fazei que também os acompanhemos na glória, sendo participantes de sua eterna bem-aventurança. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 11 da que escreveu São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 11,33-39

> **Latim:** [33] qui per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones, obturaverunt ora leonum, [34] extinxerunt impetum ignis, effugerunt aciem gladii, convaluerunt de infirmitate, fortes facti sunt in bello, castra verterunt exterorum : [35] acceperunt mulieres de resurrectione mortuos suos : alii autem distenti sunt non suscipientes redemptionem ut meliorem invenirent resurrectionem. [36] Alii vero ludibria, et verbera experti, insuper et vincula, et carceres : [37] lapidati sunt, secti sunt, tentati sunt, in occisione gladii mortui sunt, circuierunt in melotis, in pellibus caprinis, egentes, angustiati, afflicti : [38] quibus dignus non erat mundus : in solitudinibus errantes, in montibus, in speluncis, et in cavernis terræ. [39] Et hi omnes testimonio fidei probati, non acceperunt repromissionem,

Português: [33] que pela fé conquistarão reinos, obrarão accções de justiça, alcançarão as promessas, tapárão as bocas dos leões, [34] suspendêrão a violencia do fogo, evitárão o fio da espada, convalescerão de enfermidades, forão fortes na guerra, pozerão em fugida exercitos estrangeiros: [35] as mulheres recobrrão os seus filhos mortos por meio da resurreição: e huns forão estirados, não querendo resgatar a sua vida, por alcançarem melhor resurreição. [36] Outros porém sofrerão ludibrios, e açoutes, e além d'isto cadeias, e prisões: [37] elles forão apedrejados, forão serrados pelo meio, forão tentados, forão mortos ao fio da espada, elles andárão vagabundos, cobertos de pelles d'ovelhas, de pelles de cabras, necessitados, angustiados, afflictos: [38] huns homens de que o mundo não era digno: errantes nos desertos, nos montes, e escondendo-se nas covas, e nas cavernas da terra. [39] E todos estes provados pelo testemunho da fé, ainda com tudo não receberão a recompensa prometida,

Nota

«É a epístola aos Hebreus um dos mais belos e preciosos monumentos que possui a Igreja cristã. Assim a grandeza das coisas que contém como a importância das matérias que trata estão sustentadas com a nobreza das expressões e com a elevação do estilo.»

Reflexões

Pela fé fizeram os santos maravilhas, sofreram perseguições, praticaram virtudes excelentes e padeceram com heroica constância todo gênero de adversidades. E bem, não temos nós a mesma fé? Não professamos a mesma religião? Pois em que consiste que sejamos tão pouco parecidos com eles? Em que consiste que imitemos tão pouco seus exemplos? Seguindo um caminho inteiramente oposto ao que os santos seguiram, podemos racionalmente lisonjear-nos de que chegaremos ao mesmo termo? Uma de duas: ou os santos fizeram demais, ou nós não fazemos o bastante para ser o que eles foram. Atrever-nos-emos a dizer que os santos fizeram demais para conseguir o céu, para merecer a glória e para lograr a eterna felicidade que estão gozando? Muito de outra maneira discorriam eles do que nós discorremos; na hora da morte, naquele momento decisivo em que se olham as coisas como são e em que de todas se faz o juízo que se deve, ninguém se arrependeu de ter feito muito, todos quiseram ter feito mais, e não poucos temeram não ter feito o bastante. Foram os santos discretos e prudentes em viver como viveram? Seriam santos se tivessem vivido como nós vivemos? E o seremos nós vivendo desta maneira, tão distantes de sua imitação? Consideremos a pureza de seus costumes, o rigor de sua penitência. Sempre alerta contra as surpresas dos sentidos, com que fervor cumpriram em sua carne o que faltou à paixão de Jesus Cristo! Com que rigor se castigavam as mais leves imperfeições! A nós espanta-nos o nome só dos instrumentos de penitência. Parecer-nos-á que fizeram demais; mas ignoramos porventura que, em meio de tantos preservativos e ainda cobertos com tantas trincheiras, não viveram sem perigo? Toda a sua espantosa solidão ainda não os pôs fora de todo risco. A mesma madureza da idade os fazia mais vigilantes, e sua mesma experiência lhes ensinava que não se deviam fiar de suas austeridades, servindo-lhes para conhecer que tudo estava cheio de laços e de redes. Seguramente não seriam mais prudentes nem mais discretos se tivessem sido menos mortificados e menos fervorosos. Pois quê! Nada iam arriscar nisto? As paixões crescem conosco; é preciso desconfiar de nosso próprio coração, porque tudo é tentação, tudo é digno de temer-se. Parece-nos que fizeram demais os santos? Mas em que esteve este excesso? Nenhuma proporção há entre os trabalhos desta vida e a glória da outra: *Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam.* Por grandes que sejam os sacrifícios que se façam, por espantosas que sejam as penitências da carne, por terríveis que pareçam os tormentos que se padecem pela fé, sempre será muita verdade que o céu se nos concede por nada: *Accipiat aquam vitæ gratis.* É erro imaginar que se possa jamais fazer demais. Não há santo no céu a quem, depois de seus trabalhos, depois de suas penitências e depois de todas as suas boas obras, não se lhe tenha podido dizer: *Venite, emite absque argento, et absque ulla commutatione.* Servos fiéis, tende entendido que se vos dá por nada a bem-aventurança eterna: não obstante o cuidado que pusestes em negociar com vossos talentos, deveis confessar que fostes servos inúteis. E que seremos nós, com uma vida tão culpável e tão vazia de boas obras? Em que viremos a parar?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,1-8

> **Latim:** [1] Multis autem turbis circumstantibus, ita ut se invicem conculcarent, cœpit dicere ad discipulos suos : Attendite a fermento pharisæorum, quod est hypocrisis. [2] Nihil autem opertum est, quod non reveletur : neque absconditum, quod non sciatur. [3] Quoniam quæ in tenebris dixistis, in lumine dicentur : et quod in aurem locuti estis in cubiculis, prædicabitur in tectis. [4] Dico autem vobis amicis meis : Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, et post hæc non habent amplius quid faciant. [5] Ostendam autem vobis quem timeatis : timete eum qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam : ita dico vobis, hunc timete. [6] Nonne quinque passeres veneunt dipondio, et unus ex illis non est in oblivione coram Deo ? [7] sed et capilli capitis vestri omnes numerati sunt. Nolite ergo timere : multis passeribus pluris estis vos. [8] Dico autem vobis : Omnis quicumque confessus fuerit me coram hominibus, et Filius hominis confitebitur illum coram angelis Dei :

Português: [1] E COMO se tivessem ajuntado á roda de Jesus muitas gentes, de sorte que huns a outros se atropelavão, começou elle a dizer a seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos Fariseos, que he a hypocrisia. [2] Porque nenhuma cousa ha oculta, que não venha a descobrir-se: e nenhuma ha escondida, que não venha a saber-se. [3] Porque as cousas que dissesest nas trévas, ás claras serão ditas: e o que fallastes ao ouvido no gabinete, será apregoado sobre os telhados. [4] A vós-outros pois, amigos meus, vos digo: Que não tenhais medo d'aquelles que matão o corpo, e depois d'isto não tem mais que fazer. [5] Mas eu vos mostrarei a quem haveis de temer: temei aquelle, que depois de matar, tem poder de lançar no inferno: sim eu vo-lo digo, temei a este. [6] Não se vendem cinco pardáes por douz reís, e nem hum d'elles só está em esquecimento diante de Deos? [7] E até os cabellos da vossa cabeça todos estão contados. Pois não temais: porque de maior valia sois vós-outros, que muitos pardáes. [8] Ora eu vos declaro: Que todo o que me confessar diante dos homens, tambem o Filho do homem o confessará ante os anjos de Deos:

Meditação

Dos juízos de Deus

Primeiro ponto

Considera que são muito para temer os juízos de Deus. Temeram-nos muito as almas mais puras, os maiores penitentes, os maiores santos, e tiveram muita razão para temê-los. *Os céus*, diz Jó, *não são puros em tua presença.* Os que vos servem com mais fidelidade não podem estar seguros de sua perseverança; até nos mesmos anjos, aqueles puros espíritos, aquelas perfeitas criaturas, achaste que repreender; que será no homem vestido de uma carne corruptível e corrompida? Vossos juízos, Senhor, exclamam os santos, são abismos que não se podem penetrar; são segredos incompreensíveis ao humano entendimento; são caminhos escondidos aos olhos mais perspicazes.

Quem não teria julgado a Salomão incapaz de pervertir-se, depois de lhe ter tocado por parte de sua herança nada menos que uma sabedoria inspirada; depois de ter vivido tantos anos na mais exata observância da lei; depois de ter sido a admiração de tantos povos por sua religião e por sua inocência? E este Salomão, nos dias de sua senectude, precipitou-se nos mais enormes erros e descaminhos em matéria de costumes. É traidor a Jesus Cristo um de seus mesmos apóstolos. Não pôde haver vocação mais manifesta que a de Judas; o mesmo Salvador o chama, ele mesmo o instrui, ele mesmo o ensina, e Judas lhe faz traição! E Judas se condena aos olhos mesmos do Salvador dos homens! Ah, Senhor, exclama o Profeta, e quem não temerá teus juízos! São Paulo, aquele vaso de eleição, aquele homem arrebatado até o terceiro céu, aquele grande apóstolo confessa que, embora nada lhe remorda a consciência, com tudo isso não se atreve a ter-se por justificado, sabendo que é Deus o que o há de julgar. Aqueles santos anacoretas, aqueles anjos dos desertos, aqueles ilustres penitentes tremiam, estremeciam-se na lôbrega escuridão de suas cavernas ao considerar os juízos de Deus. Olhava-os Hilarião cheio de espanto, e isto depois de sessenta anos de penitência; Jerônimo, atenuado e consumido ao rigor das crueldades que exerceu em seu corpo seu penitente espírito, sente-se preocupado de pavor ao considerar seus formidáveis juízos; e nós, fracos, miseráveis, impenitentes pecadores, vivemos tranquilos! Em que se funda esta inconsiderada segurança?

Segundo ponto

Considera que tampouco há coisa mais digna de temer-se que os espantosos juízos de Deus. Trata-se nada menos que da salvação eterna; há negócio de mais alta consequência? Ou céu ou inferno; não há meio. Espantosa disjuntiva! O processo o formam nosso coração, nossas ações e nossa consciência; os documentos e as provas se tomam de nossa vida; o juiz há de ser Deus. Ah, Senhor, se os céus não estão limpos em tua presença, que será de mim, que somente sou pecado e corrupção? Se até as colunas do céu vacilaram, que farei eu, palha débil e miserável? Se o justo apenas se salva, que será do ímpio e do pecador? Dorme-se, atordoa-se, amodorra-se a alma em tão desconcertada vida; funesta segurança que domina a inumeráveis. Não és devoto; mas não és ímpio; estás num estado santo e perfeito; não vives com fervor, é verdade; mas tampouco te entregaste aos últimos excessos; és homem de bem e moderado. Mas ó santo Deus! E em que vem a parar esse cristão, esse eclesiástico, esse religioso, esse homem moderado, quando vós o examinais e o julgais? Quantos defeitos que lhe representava leves o amor-próprio são gravíssimos pecados aos olhos de Deus, a quem nada escapa! Quantas injustiças encobertas no comércio da vida! Quantas falsas preocupações, quantas interpretações demasiadamente benignas na inteligência da lei! Quantas omissões sem remorso! Quantas consciências voluntariamente errôneas! Ilusões nos sistemas que cada um se forma, ilusões até na mesma devoção. Oh, e quanto há que cumprir em todos os estados! Oh, e de quantas obrigações nos dispensamos! Posto o coração de inteligência com as paixões, nos faz traição; desconfia-se pouco dele, e ao cabo zomba de nós. Ah, Senhor, quantos e quantas, cuja vida nos parecia regrada, irrepreensível, se acharão carregados de enormes culpas em vossa divina presença! Quantos que se representavam inocentes aos olhos dos homens serão objeto de horror a vossos divinos olhos! Quantas faltas no uso dos sacramentos! Quantas irreverências nos sagrados ministérios! Que conta tão terrível em toda espécie de estados! Que de obras perdidas, sem valor nas mesmas que pareciam boas! Que conta tão estreita terão que dar a Deus um pai, uma mãe de família, um príncipe, um magistrado,

um oficial, um prelado, um homem constituído em dignidade, um religioso, um eclesiástico! Ah, e com quanta razão exclamou o Profeta: *Não entres, Senhor, em juízo com teu servo, porque não há vivente que possa ter-se por justo em tua presença!* Em meio disso, vivemos entregues a uma néscia segurança, temerariamente confiados na bondade e na misericórdia de Deus, como se o mesmo Senhor não nos exortasse a estar sempre temerosos: *Timete.*

Temo, Senhor, e tremo, sobrando-me mil motivos para tremer e para temer à vista da inutilidade, da iniquidade de minha vida e do abismo de vossos profundos juízos. Mas, Senhor, embora meu temor seja justo, seja grande, seja contínuo, nunca deixará de estar acompanhado de uma grande confiança em vossa misericórdia e em vossa bondade.

Jaculatórias

> *Non intres in judicium cum servo tuo, Domine, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens.* Sl 142.

Não entres, Senhor, em juízo com teu servo, porque nenhum vivente parecerá justo em tua presença.

> *Confige timore tuo carnes meas: a judiciis enim tuis timui.* Sl 118.

Penetra, Senhor, meu coração com teu santo temor, porque me estremeço considerando teus profundos juízos.

Propósitos

1. *Bem-aventurado o homem*, diz o Sábio (Pr 28), *que sempre está temeroso.* Por isso dizia o apóstolo São Pedro: *Irmãos meus, trabalhai com temor e com tremor no negócio de vossa salvação.* Desenganemo-nos: Deus pensa e Deus julga muito de outra maneira que nós. Fazem-se no mundo vários sistemas de consciência à medida do capricho de cada um, e à sombra deles se vive com grande tranquilidade; mas no juízo que Deus faz de nós na outra vida não se governa por nossos sistemas nem por nossas ideias, mas pelas suas. Paliam-se com mil brilhantes cores os contratos; canonizam-se as decisões com mil autoridades; não há opinião, nem ainda erro, que não tenha seus patronos; cada um forma a seu modo a consciência; mas Deus julga por outros princípios; descobre todos os segredos, todos os artifícios do amor-próprio; põe em claro e condena todos esses mistérios de iniquidade. Não te precipites em ilusões. Que se vai ganhar em enganar-se alguém para perder-se com maior segurança? Desconfia sempre de tudo o que lisonjeia o amor-

próprio e o coração humano; não formes uma consciência voluntariamente errônea, como a formam os mais. Se manejaste muitas dependências e negócios; se viveste desordenadamente, não te acovarde o caos nem a confusão de tua estragada consciência; toma tempo e faze tu mesmo o processo, escolhendo para isso um diretor íntegro e hábil, isto é, sábio e santo: expõe-lhe tudo com claridade e sem artifício; pede-lhe que te julgue sem misericórdia; e esse é o modo de conseguir que o Senhor a tenha de ti. Depois que tenhas feito tudo isto com pontualidade e com fervor, ainda deves viver com um santo, mas prudente e confiado, temor.

2. Este salutar temor dos altos juízos de Deus continuamente o hás de inspirar a teus filhos, a teus criados e a todos aqueles sobre quem tens alguma superioridade. Pensa sempre que Deus nos julga pelas regras do Evangelho e que estas devem ser as de tua conduta; qualquer outro sistema é falso e é frívola qualquer outra autoridade. Toda decisão, toda opinião que não se funde na moral de Jesus Cristo e que não tenha por princípio o Evangelho é enganosa. Que se vai ganhar em buscar doutores laxos, condescendentes, tímidos, ignorantes, profetas que só nos dizem o que nos agrada e o que nos lisonjeia? Tem sempre diante dos olhos a penetração, a sutileza, a verdade, a extrema severidade com que Deus nos julga; mas teu temor seja sempre filial. Embora Deus seja juiz, não deixa de ser pai; serve-o com fidelidade.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:27 by Admin